

OS TRECHOS DESCONEXOS EM REDAÇÕES DO ENEM

THE DISCONNECTED EXCERPTS IN ENEM ESSAYS

Maritsa Kantikas*

<https://orcid.org/0000-0002-8844-4655>

UTFPR

Cristina de Souza Prim**

<https://orcid.org/0000-0002-7199-313X>

UTFPR

Resumo: Este trabalho discute as possíveis funções dos trechos desconexos em redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para o embasamento, recuperamos os conceitos de gênero (BAKHTIN, 2006, 2011), de subversão da forma do gênero (MARCUSCHI, 2008) e de incoerência (KOCH; TRAVAGLIA, 2008). Na análise, comparamos os efeitos causados pelo uso de trechos desconexos em três redações do ENEM aos efeitos em outros dois gêneros, uma petição e uma postagem em um *blog*. Levantamos três possíveis funções para a inserção desses trechos: de que esta possa ser uma estratégia argumentativa; de que o autor reage à provável perda de atenção do leitor; e de que o autor põe à prova o caráter dialógico da redação. Concluímos que o uso desses trechos no ENEM não torna os textos necessariamente incoerentes, mas a condição de produção textual exige maior estabilidade da forma do gênero.

Palavras-chave: Trechos desconexos. Coerência. Redação do ENEM.

Abstract: This work discusses the possible functions of disconnected excerpts in essays of the *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM) [National High School Exam]. To ground our reflections, we resume the concepts of genre (BAKHTIN, 2006, 2011), genre format subversion (MARCUSCHI, 2008), and incoherence (KOCH; TRAVAGLIA, 2008). In the analysis, we compare the effects that the use of disconnected excerpts caused in three ENEM essays to the effects in two other genres, a petition and a blog post. We raise three possible functions for the insertion of these excerpts: that this may be an argumentative strategy; that the author reacts to the probable readers' attention loss; and that the author tests the dialogical character of the essay. We conclude that the use of these excerpts in ENEM does not necessarily make texts incoherent, but the condition of textual production demands a greater stability of the genre's format.

Keywords: Disconnected excerpts. Coherence. ENEM essay.

*Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: <mkantikas@gmail.com>.

**Professora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutora em Linguística (Unicamp). E-mail: <cristinaprim@utfpr.edu.br>.

Considerações iniciais

Este trabalho tem como objetivo principal discutir as possíveis funções que trechos desconexos ou inesperados podem exercer nas redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Desde 2013, redações nas quais os corretores consideram haver trechos desconexos podem ser zeradas, o que causa grande apreensão nos candidatos que passam por esse processo. Apesar disso, praticamente não há artigos acadêmicos que reflitam sobre o assunto; o tema, portanto, carece de estudos.

As redações do ENEM acabaram assumindo especificidades que nos permitem pensá-las como um gênero dentro de outro gênero (PRADO; MORATO, 2016); em outras palavras, a redação do ENEM já seria um gênero dentro do gênero redação (de vestibular). Uma das características estruturais que as diferem é a exigência de uma proposta de intervenção ao final, correspondente à Competência 5, a ser apresentada na sequência (Quadro 1).

Colocar uma receita de bolo ou a letra de um hino no gênero redação do ENEM gera discussão frequente na internet, e basta uma busca rápida para que diversos resultados apareçam com essa temática. Ao pesquisarmos, em junho de 2019, as palavras “receita”, “miojo”, e “redação” juntas, por exemplo, o buscador *Google* nos forneceu 64.800 resultados. Vários destes são referentes às mesmas três ou quatro redações — o que acaba também evidenciando que o interesse da mídia na divulgação desses dados é muito maior do que o número de ocorrências de redações com essa característica em si.

Vejamos o que é esperado de um candidato. De acordo com a *Cartilha do Participante de 2019*, um manual de redação do ENEM produzido pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), espera-se que o candidato desse exame seja capaz de

[...] defender uma *tese* – uma opinião a respeito do *tema* proposto –, apoiada em *argumentos* consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. [...] [O candidato] deverá, também, elaborar uma *proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto* que respeite os direitos humanos (BRASIL, 2019, p. 5, grifos nossos).

Tais características correspondem às competências 1, 2, 3, 4 e 5, também disponíveis nesse material, e definidas da maneira disposta no Quadro 1.

Quadro 1 – Competências avaliadas no ENEM

Competência 1:	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência 2:	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência 3:	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência 4:	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência 5:	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: Adaptada pelas autoras da *Cartilha do Participante de 2019* (BRASIL, 2019, p. 6).

Por tratar-se da produção de um texto dissertativo-argumentativo, o candidato pode e deve fazer uso de estratégias argumentativas, apontadas pela cartilha do MEC como “[...] recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor” (BRASIL, 2019, p. 17). Essas estratégias estão relacionadas à Competência 2, de compreensão da proposta da redação e aplicação de “[...] conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa” (BRASIL, 2019, p. 6). Para ilustrar, o manual em questão menciona a alusão a citações e a dados estatísticos, científicos e históricos, por exemplo, que venham a corroborar a tese que está sendo defendida.

Ainda sobre a Competência 2, o documento traz um quadro que trata sobre a estrutura dissertativo-argumentativa que a redação deve necessariamente obedecer, e o que não pode/não deve ser feito para que a tarefa seja bem-sucedida: “Será atribuída nota zero à redação que não obedecer à estrutura dissertativo-argumentativa, mesmo que atenda às exigências dos outros critérios de avaliação” (BRASIL, 2019, p. 17). A cartilha reforça, portanto, a necessidade de manutenção do formato da redação para que o candidato seja (bem) avaliado.

Por mais que as Competências 3 e 4 estejam relacionadas à coerência, de acordo com essa cartilha, redações que apresentem fuga total ou partes propositalmente desconectadas do tema proposto podem ser zeradas¹ (trata-se, portanto, de uma regra do exame). Isso ocorreu, por exemplo, no caso ilustrado pela notícia “Enem 2017 tem queda no total de alunos com nota mil na redação”, de Gabriel Luiz (2018): das 4,72 milhões de redações corrigidas em 2017, mais de 300 mil foram zeradas, e o maior motivo para tanto foi a fuga ao tema, com a porcentagem de 5,01% das redações; “Parte desconectada”, nesse ano, correspondeu a 0,17% contra 0,22% em 2016 (BRASIL, 2018), o que mostra que os 64.800 resultados do *Google* mencionados anteriormente não refletem as maiores dificuldades que os alunos sentem na busca por uma boa nota.

A mesma cartilha define os trechos desconexos — ou o que chamam de “partes deliberadamente desconectadas” — da seguinte forma:

São trechos como: reflexões sobre o próprio processo de escrita, bilhetes destinados à banca avaliadora, por exemplo, mensagens de protesto, orações, mensagens religiosas, trechos de música, de hino, de poema ou de qualquer texto, *desde que estejam desarticulados da argumentação feita na redação*. Isso quer dizer que a constatação de algum problema social, por exemplo, não é, por si só, avaliada como um protesto e, conseqüentemente, como parte desconectada, se estiver devidamente articulada à argumentação construída ao longo da redação. Em suma, para ter sua redação anulada por esse critério, é preciso que você insira, de forma proposital, pontual e desarticulada, elementos estranhos ao tema e ao seu projeto de texto, ou que atentem contra a seriedade do exame. (BRASIL, 2019, p. 8, grifos nossos).

Por que um candidato insere ou inseriria, de modo voluntário, trechos aparentemente desconexos no seu texto? Trata-se, de fato, apenas de piadas e protestos? Hipotetizamos que a inserção de trechos desconexos possa ser uma estratégia argumentativa, uma reação à provável

¹ Segundo a *Cartilha do Participante de 2019*, estas são outras situações que levam à nota zero: texto com até sete linhas escritas (situações em que se considera que há texto insuficiente), fuga ao tema ou não atendimento ao tipo dissertativo-argumentativo, cópia integral de textos da Prova de Redação ou do Caderno de Questões, texto em língua estrangeira, texto em que se despreze a seriedade do exame ou que contenha desenhos, nome, apelido, assinatura, rubrica ou codinome (BRASIL, 2019).

perda de atenção do leitor, ou, ainda, uma evidência de que o autor põe à prova o caráter dialógico da redação.

Na sequência, discutiremos mais sobre essa ocorrência e sobre as possíveis funções desses trechos nas redações. Seu uso pode estar sendo compreendido pela mídia ou por pessoas interessadas no exame² como um problema tanto de coerência textual quanto de forma. Por isso, partimos de discussões sobre conceitos de gêneros, para entendermos o que seria o ato de subvertê-los, e sobre incoerência textual. Em seguida, analisamos uma petição e uma página de *blog* que se utilizam do formato de um gênero inesperado dentro de outro gênero para traçarmos uma comparação com três redações do ENEM de 2012 e 2014.

O conceito de gênero textual e possíveis subversões dos gêneros

É recorrente a citação de Bakhtin (2006, p. 117) de que “a palavra comporta duas faces”, pois ela é “produto da interação do locutor e do ouvinte”, e “território comum” entre ambos. A palavra não pertence apenas ao locutor, e, por isso, o sentido desta não é atribuído somente por quem fala, mas, sim, pelo que se constrói nessa ponte entre ambos.

Todavia, o que acontece quando existe a intenção ou mesmo a necessidade de enunciar algo, mas também a sensação de não saber quem é de fato o interlocutor? Lembremo-nos de casos nos quais, em atividades escolares e acadêmicas, alunos sentem dificuldades em se conectar com tarefas que demandam a produção textual oral ou (especialmente) escrita e, paralelamente, com os próprios interlocutores (a quem as produções se dirigem).

Ainda que o trabalho com a produção escrita na escola tenha, desde os anos de 1980, gradativamente passado a um trabalho com gêneros textuais, a mudança em si não garante que haja uma razão para que o aluno escreva o que deve escrever, e que ele visualize e compreenda a conexão entre língua e vida por essa simples troca. Voltaremos a essa questão ao longo deste texto, mas, antes, recuperemos os parâmetros bakhtinianos para a caracterização de um gênero.

O conteúdo temático, a construção composicional e o estilo são elementos que, segundo Bakhtin (2011), formam os gêneros do discurso. Saber disso não deve nos levar a uma falsa ideia de que tais gêneros são estanques; por isso, Fiorin (2016) destaca que o foco na famosa frase “[...] gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados” deve estar em *relativamente*, não em *estáveis*.

Além disso, a reflexão de Bakhtin nunca foi sobre o produto, mas sobre o processo de produção do gênero. Desse modo, o que interessa é, em especial, a maneira como se constituem, e não as propriedades formais dos gêneros. Marcuschi (2008) retoma Bakhtin ao afirmar que os gêneros costumam ter regularidades que permitem sua identificação, mas ressalta que eles não são totalmente fixos em suas formas e funções, e “[...] se imbricam e se interpenetram para constituírem novos gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p. 163).

² Como a inserção de trechos desconexos é vista, desde 2013, como quebra de uma regra imposta pelo exame, não podemos dizer que essa mesma interpretação é tida pelos avaliadores das redações.

Marcuschi (2008) pondera ainda que, por conta dessa mescla natural entre formas e funções de gêneros, muitas vezes é difícil identificarmos um gênero de um texto que burlou um cânon. Este certamente é o caso dos trechos de hinos e receitas culinárias inseridas em produções escritas do ENEM: mesmo tendo a forma do “modo de fazer” de uma receita, não tem sua função, que é o que define o gênero receita. O que pouco se fala na crítica feita pela mídia, mas que se deduz de Marcuschi (2008), é que isso também é o caso de muitos outros gêneros.

O autor recupera também o conceito de intergênero, que seria a “[...] hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro” (MARCUSCHI, 2008, p. 165), para ressaltar que nem sempre é possível distinguir formas e funções de maneira clara. Essa “mistura”, o autor completa, é, provavelmente, “[...] bem mais natural e normal do que imaginamos, e os textos convivem em geral em interação constante” (MARCUSCHI, 2008, p. 166).

Um exemplo de intergênero é o poema marginal “Receita”, escrito por Nicolas Behr, e publicado de forma independente nos anos de 1970 (*apud* FIORIN, 2016, p. 79-80). Ainda que tenha a forma de uma receita, o texto de Nicolas Behr não tem sua função, e, por isso, é classificado como um poema. Ao relacionar os dois gêneros, o autor traz irreverência e sarcasmo, sentido que pode ser suscitado justamente por essa combinação de gêneros.

Dessa forma, reconhecer esse exemplo como um poema é entender que deve haver um “[...] predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero”, segundo Marcuschi (2008, p. 166). O autor, por fim, destaca que algumas dessas hibridizações são justamente usadas como forma de “[...] chamar mais a atenção e motivar a leitura”, pois parecem ter “[...] o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que está ali” (MARCUSCHI, 2008, p. 168).

Os gêneros, portanto, são frequentemente subvertidos. Em outros usos, fora do contexto redação do ENEM/de vestibular, a subversão é entendida como um recurso para prender a atenção do leitor. No entanto, se pensarmos que um corretor lê até 200 redações por dia, ter uma estratégia para que o leitor se prenda mais ao texto pode ser algo a se buscar. E, claramente, não há um único modo de fazê-lo.

Isso pode nos levar a questionar: Qual é, então, o sentido contido em um enunciado? Para essa discussão, recuperamos uma previsão do tempo em um jornal de 1968 (Figura 1), época de forte censura do que era noticiado no Brasil.

Figura 1 – Previsão do tempo no Jornal do Brasil no dia 14 de dezembro de 1968



Fonte: Imagem extraída do *site* da Biblioteca Nacional (2018).

Obs.: Editada para evidenciar (no canto superior esquerdo) a previsão do tempo. “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38º, em Brasília. Mín.: 5º, nas Laranjeiras”.

Os jornalistas e editores que trabalhavam no período mais intenso da Ditadura Militar no Brasil seguiram, em suma, três caminhos para lidar com as notícias censuradas: o primeiro foi o das inserções de gêneros inesperados nas páginas do jornal, como poemas e receitas culinárias, pondo-os inclusive nas capas. O segundo caminho foi o da subversão do texto de gêneros (que até eram cabíveis naquele contexto, mas não com aquele tipo de redação), exemplificada na Figura 1. O último caminho era uma junção dos dois anteriores: publicavam-se receitas que atraíam a atenção dos leitores não apenas por sua presença em um jornal, mas também pelo fato de que, na prática, não davam certo.

No caso da Figura 1, o que parece não caber ao gênero é o uso dos adjetivos “irrespirável” e “sufocante”, que não condizem com o estilo que o gênero assume, e que contrastam em sentido com “fortes ventos” que varriam o país. Além disso, a previsão do tempo está na capa do *Jornal do Brasil* no dia em que se noticiava o Ato Institucional N° 5 (sancionado no dia anterior, em 13 de dezembro). Dessa forma, o leitor experiente pode atribuir outros sentidos a esse texto e identificar que ali não está sendo explicitamente dito o que o autor está dizendo.

Olhando ainda para a Figura 1, vemos que, mesmo se tratando de um gênero do qual se espera forma e função bem clara e definida, este se modificou na situação anterior, independentemente de haver permissões, pois se trata de um gênero vivo, e ignorar essa natureza do gênero enfraquece o vínculo existente entre língua e cultura. Esta é uma situação na qual vemos, de modo evidente, o controle social do gênero e pelo gênero como algo incontornável, mas não determinista: o uso do gênero previsão do tempo não foi fatalmente modificado após essa ocorrência; o autor apenas se aproveitou da elasticidade e da mescla de gêneros para poder se posicionar diante dos fatos.

O conceito de gênero une, portanto, instabilidade e estabilidade, e permanência e mudança, como nos lembra Fiorin (2016). Bakhtin (2011) já mostrou que existem gêneros mais flexíveis e outros mais estereotipados; todavia, mesmo nos gêneros mais estereotipados, um enunciado pode adquirir novo sentido quando o transferimos para outra esfera de atividade — como é o caso do uso de uma receita em uma redação.

O estilo individual também aflora em gêneros mais estereotipados, ainda que seja mais comum em gêneros menos estereotipados, e, ao se fazer isso, se lhes atribui um caráter mais pessoal e subjetivo. Assim, mesmo que a avaliação que se faz do uso de receitas em redações seja construída culturalmente como algo desinteressante para esse gênero, sua existência é inegável e esperada, sob essa perspectiva.

A seguir, e em face do que foi até então recuperado, discutimos acerca do que seria a (in)coerência textual.

Texto incoerente: a coerência está no texto?

Para respondermos à pergunta posta no título desta seção, vamos a Koch e Travaglia (2008). Os autores ratificam a visão de Beaugrande e Dressler (1981 *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2008), de que a coerência textual, um dos elementos de textualidade, se baseia na “[...] continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões linguísticas do texto e que deve ser percebida tanto na codificação (produção) como na decodificação (compreensão) dos textos” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 31).

Desse modo, compreendemos que a coerência não é produzida somente em um momento, mas em pelo menos dois, reforçando as noções bakhtinianas de interação e de dialogismo. Assim, seguimos os mesmos autores quando dizem que:

Texto incoerente é aquele em que o receptor (leitor ou ouvinte) não consegue descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o seu universo cognitivo. Texto coerente é o que “faz sentido” para seus usuários, o que torna necessária a incorporação de elementos cognitivos e pragmáticos ao estudo da coerência textual. (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 32).

Nenhum texto é, por isso, totalmente incoerente. Ao analisar redações do vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de 1983, Costa Val (1991) concluiu que 76% das produções analisadas apresentavam um padrão bom ou mediano de coerência textual, enquanto 24% poderiam ser julgadas com um nível insatisfatório de coerência; contudo, nenhuma redação se mostrava absolutamente incoerente.

Parece ser unânime na literatura especializada a compreensão de que a coerência é mais do que uma característica do texto, pois há uma dependência fundamental entre a produção (o texto), o produtor (o autor) e o receptor (aquele que interagirá com esse texto), sempre em situações determinadas (ou seja, contextualizadas); o que estará no texto em si serão as “pistas” deixadas pelo autor, e que auxiliarão seu interlocutor na recuperação de sentidos e no estabelecimento da coerência (COSTA VAL *et al.*, 2009, p. 71). Assim, a coerência diz respeito ao nexos, no plano

linguístico, de conceitos apresentados e coesão textual. E, além do dado escrito, esse estabelecimento também dependerá dos conhecimentos mundanos e linguísticos daquele que o receberá.

Em paralelo, recuperamos as divergências sobre a existência de textos incoerentes. Segundo Koch e Travaglia (2008), o linguista Michel Charolles defende que não existe texto incoerente por princípio, pois aquele que o recebe “[...] age como se este fosse sempre coerente e faz tudo para calcular seu sentido, e, nesta tarefa, é sempre possível encontrar um contexto, uma situação em que a sequência de frases dada como incoerente se torne coerente, vindo a constituir um texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 32).

Poderíamos ainda compreender a incoerência classificando-a como uma característica do texto que produz equivalências entre duas isotopias contraditórias — por exemplo *ateísmo* e *religiosidade*, como aponta Hansen (2008) —; mas, ainda assim, essas contradições podem ser previstas e entendidas como uma ponderação que o autor faz sobre o tema.

Para Charolles (1978 *apud* COSTA VAL, 1991, p. 21), a não-contradição é apenas um dos quatro requisitos para um texto ser coerente e coeso. O autor destaca ainda a continuidade (com a retomada de conceitos), a progressão (apresentando novas informações a propósito dos elementos retomados) e a articulação (a relação que as ideias estabelecem entre si) para que haja coerência interna ao texto. Por sua vez, a coerência externa, segundo Costa Val (1991, p. 100), é garantida quando “[...] os argumentos apresentados são compatíveis com a realidade que se pretende analisar e as relações estabelecidas entre eles correspondem a relações que se podem reconhecer como pertinentes nessa realidade”.

Agir como se o texto fosse sempre coerente é o que sustenta também o Princípio da Cooperação, proposto pelo filósofo britânico Paul Grice (1975) — sumarizado nas palavras de Koch e Travaglia (2008, p. 49) da seguinte forma: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio em que está engajado”.

As circunstâncias de realização desses textos escritos durante os exames de avaliação do Ensino Médio ou de admissão no Ensino Superior acabam distanciando os produtores dos interlocutores, e, conseqüentemente, dificultando a regulação do modo de transmitir suas mensagens. Para mais, se analisarmos o modo como as correções das redações e das produções escritas são feitas, a noção de Grice e a de Charolles, descritas anteriormente, não se verificam, ou se tornam, quem sabe, muito otimistas. Dessa maneira, o receptor, que na seara da enunciação desse princípio fica em segundo plano, e que deveria “[...] cooperar com as pistas encontradas, atribuindo-lhes sentido” (COSTA VAL *et al.*, 2009, p. 71), não atua sempre dessa forma.

Nesse cenário, a impossibilidade de pedir esclarecimentos ou reformulações ao autor da produção escrita faz com que a inserção de trechos que fogem ao esperado acabe gerando decréscimos de nota — o que, ao final, pode custar muito ao candidato, visto que o interlocutor não é um “mero” leitor, mas, sim, um corretor.

Em qualquer contexto em que há relação autor-leitor e não autor-corretor, se o leitor não tem êxito no cálculo de sentido, ele concluirá que o autor da incoerência a produziu com um propósito, e a ausência de aparente coerência é uma pista de que o sentido não é o primeiro que lhe ocorreu. Koch e Travaglia (2008) afirmam que

[...] textos produzidos por alunos [...] muitas vezes são avaliados como incoerentes pelo professor, mas [...] se apresentados como escritos por um autor

famoso, ganhariam as mais variadas interpretações. Isto é importante para a constatação de que a coerência não está apenas no texto nem só nos usuários, mas no processo que coloca texto e usuário em relação, numa situação. (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 40).

Um exemplo disso é o livro *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier (1981). Sua narrativa não se constrói em prosa ou texto corrido; ela é formada, principalmente, por (fragmentos de) notícias, anúncios e peças publicitárias, as quais aparentam, ao primeiro olhar, estarem desconectadas. O estabelecimento de sentido, nesse caso, depende da capacidade do interlocutor de ligar os recortes, como se montasse um quebra-cabeças — assim, o sentido depende de um leitor altamente cooperativo.

Koch e Travaglia (2008, p. 50-51) recuperam também a discussão de Charolles sobre as quatro metarregras relacionadas à coerência — a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação (entre os fatos apresentados) —, e sugerem a possibilidade de adição da metarregra da superestrutura, que estaria relacionada às estruturas de cada tipo textual. Eles afirmam que essas metarregras estabelecem “[...] um certo número de condições que um texto deve satisfazer para ser reconhecido como bem formado por um dado receptor numa dada situação”, retornando à questão da interação/interlocução — e, mais uma vez, deixando claro que todos esses fatores estão sujeitos “[...] a aspectos da situação de comunicação e não são, por si, suficientes para explicitar as condições que um texto deve atender para ser bem formado” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 51).

Os autores também exploram mais pormenorizadamente os chamados fatores de coerência, que são o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado, as inferências, os fatores pragmáticos, a situacionalidade, a intencionalidade e a aceitabilidade, a informatividade, a focalização, a intertextualidade e, por fim, a relevância. Tais fatores atuam de maneira conjunta no estabelecimento da coerência, e, em alguns momentos e casos, uns podem se sobressair a outros.

Se nos detivermos apenas àqueles permeados por fatores pragmáticos a todo tempo, podemos dizer que o conhecimento de mundo permite a construção de um (chamado) mundo textual, “a representação do mundo pelo texto”, que nunca é exatamente coincidente com o “mundo real”. De acordo com os autores supracitados, para haver compreensão, é preciso ainda que o mundo textual do emissor e o do receptor de uma produção apresentem alguma semelhança — o que se relaciona, diretamente, ao dito conhecimento partilhado pelos dois (ou mais), e às inferências, que estão ligadas ao suprimento/preenchimento de “lacunas (vazios) e discontinuidades em um mundo textual” (KOCH; TRAVAGLIA, 2008, p. 70).

A coerência, portanto, não é algo que “está” no texto, pois ela também se constrói na relação que o leitor estabelece com o texto. No caso das redações, o leitor é um avaliador³, que recebe instruções para procurar, de forma evidente, as relações de coerência no texto — ou seja, um indivíduo que busca ver na repetição, na progressão, na não-contradição, na relação entre as frases e na superestrutura evidências de mais estabilidade no uso desse gênero e de clareza nas

³ A função social desse gênero é avaliar a competência dos candidatos no uso da linguagem em uma determinada situação de interação. Nesse contexto, o papel do leitor é o de avaliar, mas o do candidato deveria ser de mostrar habilidades linguísticas no momento em que predomina a função argumentativa da linguagem. Falamos em “predomínio”, pois não há “pureza” tipológica nas redações e nem em outros gêneros, de modo geral, pois nas redações também são encontrados os tipos: narrativo, descritivo, e, principalmente, o injuntivo, segundo Pavani, Köche e Boff (2006).

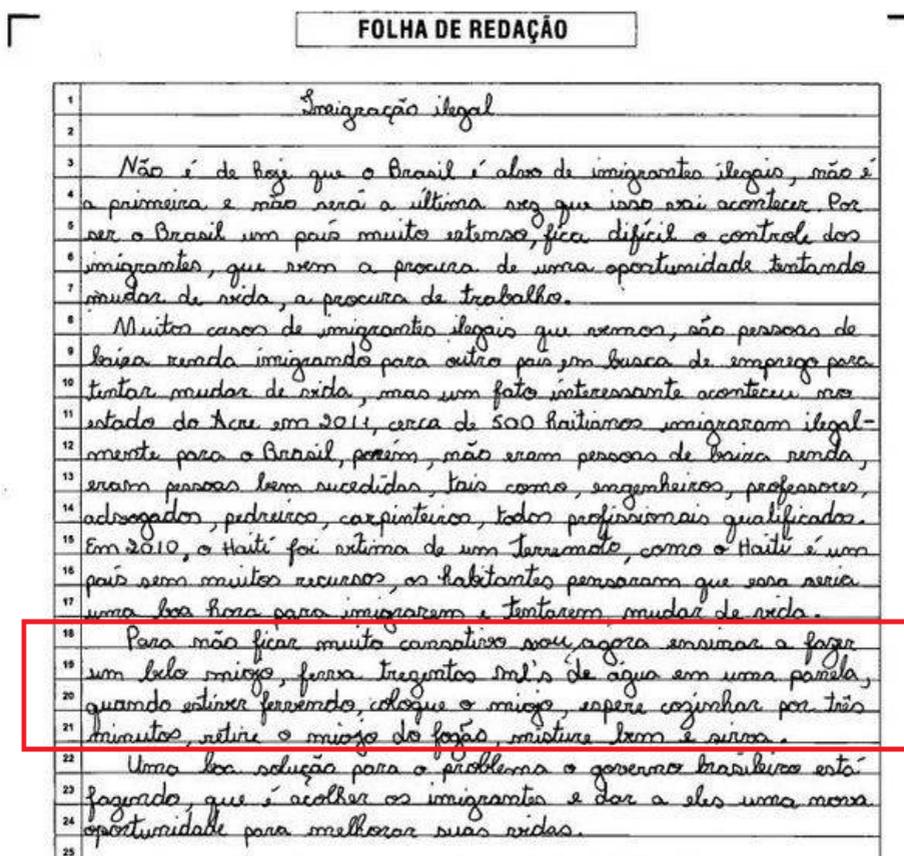
intencões. Podemos, a partir disso, concluir que uma boa redação do ENEM é constituída por um conjunto de estabilidades, o que acaba por limitar a possibilidade de irreverências ou outros sentidos que podem ser adicionados ao mesclar o conteúdo de um gênero com a forma de outros.

Após essa discussão sobre subversão de gênero e sobre incoerência, apresentamos três redações do ENEM, disponíveis na internet, contendo trechos desconexos.

Dados em análise

As duas primeiras redações que apresentamos são de candidatos do ENEM de 2012. Nesse ano, o tema da redação foi “O movimento migratório para o Brasil no século XXI”. Na primeira redação que apresentaremos, um dos candidatos incluiu em sua produção uma receita/modo de preparo de macarrão instantâneo (Figura 2), e o outro inseriu trechos do hino de um time de futebol (Figura 3). O terceiro texto é de um candidato que, em 2014, também adicionou em sua redação trechos de um hino esportivo (Figura 4). O tema da redação em 2014 foi “Publicidade infantil em questão no Brasil”.

Figura 2 – Redação do ENEM 2012 que inclui o modo de preparo de macarrão instantâneo



Fonte: Imagem extraída de (GIBA, 2013, n.p.).

Obs.: Editada pelas autoras para enfatizar o trecho desconexo da matéria “Estudante escreve receita de miojo na redação do ENEM e recebe nota 560”.

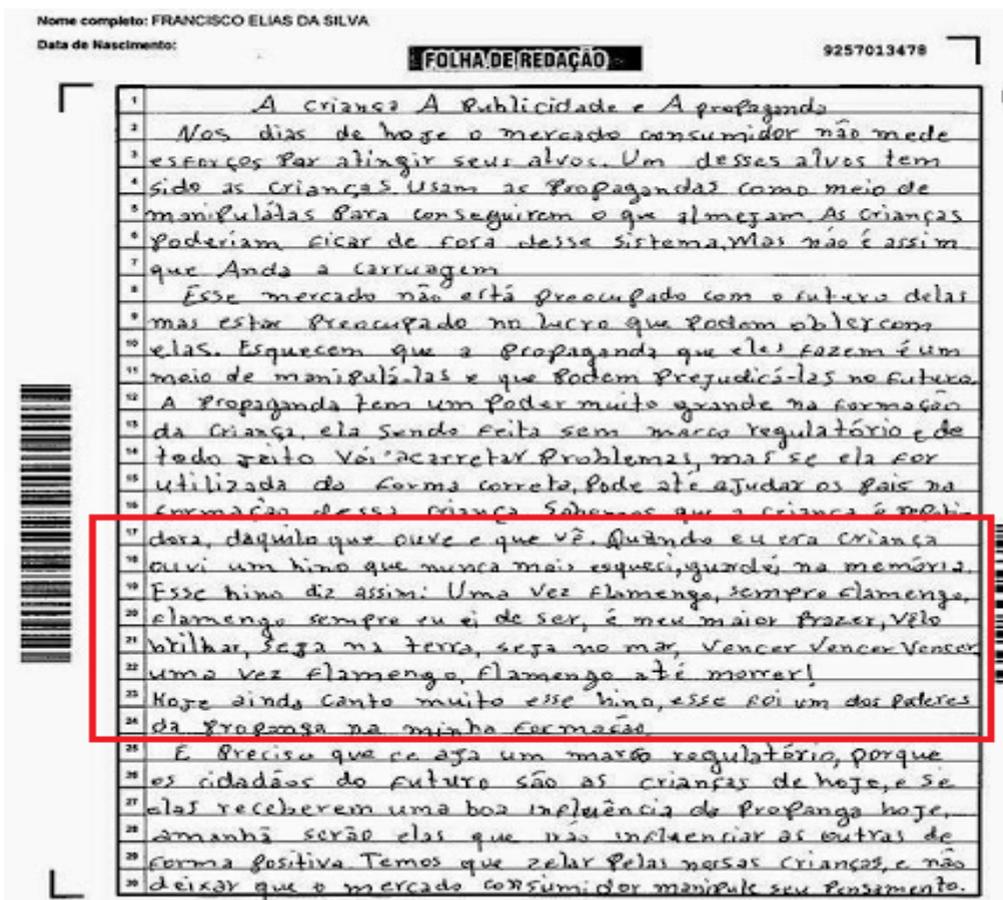
Figura 3 – Redação do ENEM 2012 com o hino do Palmeiras

FOLHA DE REDAÇÃO	
1	A expansão do território e sua qualidade de vida.
2	elevada, fazem do Brasil um país de refúgio de imigrantes.
3	Fugindo de regimes autoritários, guerras e pobreza os imigrantes
4	vêm para o Brasil com o sonho de ter sua família
5	em um local digno de se viver, ou seja, sem perigos e males.
6	Entretanto, o Brasil está em condições de receber estes
7	imigrantes?
8	As capitais, praias e as maiores cidades são os alvos
9	mais frequentes dos imigrantes, porque quando surge o
10	aliviando um penoso no gramado onde a luta o guarda,
11	sabe bem o que vem pela frente e que a duvida do prêmio
12	não torce. É o Palmeiras no arde da partida, trans-
13	formando a lealdade em paixão. Sabe sem pre levada de
14	venhada e mostra que de fato é campeão. Por este o
15	principal motivo de interesse de imigrantes.
16	Entretanto, existe também a defesa que
17	ninguém passa, linha e atacante de raça torcida que
18	conta e vibra por nesse alívio inteiro. Porque
19	quem sabe ser brasileiro herança a sua fibra. Fazem-
20	do com que muitos imigrantes se tornem escravos
21	do século XXI.
22	Portanto, o Brasil pode receber os imigrantes, mas
23	necessita de melhores condições e empregos para estas pessoas. E
24	dessa maneira, qualificando o em países e quem
25	sabe realizar o sonho de tantos que vêm para
26	aí. Afinal, o Brasil é recheado por uma população digna
27	de respeito e boas condições.

Fonte: Imagem extraída de Azevedo (2013, n.p.).

Obs.: Editada pelas autoras para enfatizar o trecho desconexo da matéria “Hino do Palmeiras rende a estudante do Enem 500 pontos na redação; MEC diz que ele não fugiu tanto assim do tema e que respeitou os direitos humanos Quer mil pontos? Aprenda a fazer nhoque!”.

Figura 4 – Redação do ENEM 2014 com o hino do Flamengo



Fonte: Imagem extraída de Levany Júnior (2015, n.p.).

Obs.: Editada pelas autoras para enfatizar o trecho desconexo da matéria “Alto do Rodrigues RN; Candidato do Enem mostra espelho da redação com o hino do Flamengo que lhe garantiu vaga na universidade”.

Sem rezar a cartilha: por que inserir propositalmente trechos aparentemente desconexos?

Como dito anteriormente, trabalhamos com três hipóteses (dentre várias possíveis) para a inserção de trechos desconexos: de que essa possa ser uma estratégia argumentativa, de que o autor reage à provável perda de atenção do leitor, e de que o autor põe à prova o caráter dialógico da redação. Nós as analisamos comparando-as a outros dois textos em que vemos a inserção de trechos aparentemente desconexos — um do gênero petição, e uma postagem em um *blog*.

Para discutirmos sobre o efeito de uma argumentação não convencional, trazemos, inicialmente, a petição. O artigo “Advogado escreve receita de pamonha na petição para provar

que juiz não lê os autos”, escrito por Jean Pires (2014) para o *site* Jusbrasil, tem um título suficientemente claro e ilustrativo: ele descreve, em seu texto, o caso de um advogado que escreveu, no corpo de uma petição, uma receita de pamonha, com o objetivo de demonstrar que o juiz não leria seu texto com atenção suficiente a ponto de notá-la. E, segundo o autor do artigo, foi exatamente isso que aconteceu.

Um dos fatores de popularização dessa ocorrência entre o público não especializado (isto é, fora do âmbito do direito) foi a postagem e as repostagens da ocorrência na página do Facebook *Fatos Desconhecidos*, em 2014, 2017 e 2018, por exemplo.

No artigo, Pires (2014) publicou a página da petição onde constava a receita, transcrita no seguinte trecho:

Senhores julgadores, espero que entendam o que faço nestas pequenas linhas, e que não seja punido por tal ato de rebeldia, mas há tempos os advogados vêm sendo desrespeitados pelos magistrados, que sequer se dão ao trabalho de analisar os pleitos que apresentamos. Nossas petições nunca são lidas com a atenção necessária. A maior prova disso, será demonstrada agora, pois se somos tratados como pamonhas, nada mais justo do que trazer aos autos a receita desta tão famosa iguaria. Rale as espigas ou corte-as rente ao sabugo e passe no liquidificador, juntamente com a água, acrescente o coco, o açúcar e mexa bem, coloque a massa na palha de milho e amarre bem, em uma panela grande ferva bem a água, e vá colocando as pamonhas uma a uma após a fervura completa da água. Importante: a água deve estar realmente fervendo para receber as pamonhas, caso contrário elas vão se desfazer. Cozinhe por mais ou menos 40 minutos, retirando as pamonhas com o auxílio de uma escumadeira. (PIRES, 2014, n.p.)

Acrescentar uma receita à sua petição teve sua intenção exposta pelo próprio autor do texto. Entretanto, para além disso, podemos entender essa adição como um argumento usado pelo produtor da peça jurídica: ao mostrar que os magistrados não leram com atenção o material preparado, o advogado ganharia razão caso pedisse a revisão do processo. Estabeleceu-se, portanto, a correlação entre intenção e resultado — o que nos faz entender tal inserção como uma estratégia argumentativa.

No caso das redações do ENEM, o pedido de revisão não é previsto no edital. Uma razão para isso deve-se ao fato de que todas as redações são lidas por dois corretores de forma independente, e pode haver um terceiro leitor caso haja disparidade de mais de 100 pontos no total entre as notas, ou mais de 80 pontos em qualquer uma das competências. Caso a discrepância perdure, a “[...] redação será avaliada por uma banca presencial composta por três professores, que atribuirá a nota final do participante” (BRASIL, 2019, p. 7). Desse modo, se hipotetizarmos tratar-se de uma estratégia argumentativa, esta não é bem-sucedida por não haver prática de revisão de provas após a divulgação de notas neste exame; contudo, o candidato pode não ter lido essa informação no manual de redação do ENEM.

A seguir, discorreremos sobre a segunda hipótese, de uma reação à provável perda de atenção do leitor. O exemplo que usamos para ilustrar tal hipótese corresponde a uma imagem retirada de um *post* de Thiago Pasqualotto intitulado “Escala de ódio - Big Brother 18” (de 19

de janeiro de 2018), do site *Morri de Sunga Branca* (Figura 5), e chama atenção para a possível perda da atenção do interlocutor.

Figura 5 – Postagem no site *Morri de Sunga Branca*



Fonte: Imagem extraída do site *Morri de Sunga Branca* (PASQUALOTTO, 2018, n.p.).

Obs.: Editada pelas autoras. O enquadramento chama atenção para o início da inserção.

Podemos inferir que postagens como essa somente fazem sentido se os leitores compartilharem com o autor a ideia de que os frequentadores do *blog* estão buscando uma parte específica do texto, e que querem acessar rapidamente a avaliação (feita pelo autor) dos participantes do *reality show*, ou a ideia de que, de fato, os leitores já se cansaram da leitura. No caso da compreensão do texto lido não ser imediata, os interlocutores tendem a pensar que faltou a eles (e não aos locutores) conhecimentos de mundo que lhes permitiriam compreender o ocorrido; fica evidente nesta postagem que o autor o faz por considerar que o leitor não terá interesse em ler o desenvolvimento de um texto tão longo, mas, mesmo assim, o complementa com irreverência e humor.

Se estendermos essa hipótese para as redações do ENEM, o candidato estaria apostando na desatenção ou no esgotamento do corretor, que poderia ter buscado as informações essenciais na introdução, em palavras-chave do desenvolvimento e na conclusão do texto, por conta do formato desse gênero.

Até o ano de 2013, o leitor-avaliador poderia perceber essa inserção, mas isso não resultaria em nota zero. Dessa forma, alegar que a informação não era percebida pode se configurar como uma forma de deslegitimar o exame. A partir de 2013, passou-se a prever, já no edital, que o candidato poderia ser eliminado do processo seletivo por conta dessa ação. No guia do participante de 2013, adicionou-se, como critério para a atribuição de nota zero, “[...]”

impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação *ou parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto*” (BRASIL, 2013, p. 9, grifo nosso).

Por fim, a terceira hipótese com a qual trabalhamos está relacionada à sensação que os candidatos podem ter de, ao realizarem suas produções, não vislumbrarem o perfil de seus interlocutores, como se a produção fosse um “falar para as paredes”. Tomando emprestada a reflexão de Costa Val *et al.* (2009, p. 72) sobre a tarefa escolar escrita, vemos que ela é diferente “[...] de outras demandas comunicativas, na medida em que tende a ser artificial, não responde a necessidades espontâneas dos sujeitos e, ainda, inclui entre seus objetivos a própria aprendizagem ou avaliação da escrita” — o que supomos que acaba gerando, como consequência, uma falta de motivação e um esvaziamento de sentido (no ato de realização da tarefa ou produção).

Os exemplos disso são muitos; qualquer redação escolar cheia de lugares-comuns e generalidades pode ser decorrente dessa falta de nitidez do perfil do interlocutor. Sem saber quem é um possível interlocutor, como saber quais as informações que o autor e o leitor compartilham?

Os tópicos das redações do ENEM são temas que, de modo geral, são de interesse geral; todavia, com um perfil tão heterogêneo de participantes, não é possível contemplar a todas as necessidades de fala. Ainda nesse ensejo, Geraldi (2003) destaca que não escrevemos sem razão; afinal, por que se engajar em algo sobre o que não temos muito (ou nada) a dizer, que vá além do lugar-comum? Segundo o autor, para se produzir um texto, é necessário que

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (o que implica responsabilizar-se, no processo, por suas falas);
- e) se escolhem as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 2003, p. 160).

Ainda assim, em uma situação de sala de aula, por exemplo, é praticamente impossível romper com a artificialidade instaurada pela situação interlocutiva professor-aluno. Como nos lembra Ruiz (2013, p. 180), um caminho possível é o professor “[...] se integrar na situação de produção como coautor, e não como mero observador”.

No entanto, no caso de redações de vestibular ou do ENEM, a situação que se impõe é justamente a oposta, e o distanciamento entre o autor e o leitor é evidente, de modo que o que resta é a supervalorização do *como se diz*, e a necessidade de apagamento aparente de *quem diz*, *para quem diz*, e *para que diz*. O que temos são papéis sociais marcados, não sujeitos, que escrevem para mostrar apenas que são produtores proficientes de textos.

Por conta disso, estes devem se apresentar ou como um sujeito pleno constituído sem contradições — o que é quase ficcional —, ou como um sujeito que reconhece suas possíveis contradições e as apaga em nome de uma unidade de texto; só assim poderiam garantir a tão esperada coerência interna ao texto.

Focando nas três redações

Ao ler novamente a produção textual da Figura 2, percebemos que o autor não abandonou a disposição textual prevista: há uma introdução, dois parágrafos de desenvolvimento e uma conclusão, com uma (espécie de) proposta de intervenção. E há até mesmo dados recuperáveis (ainda que ele não cite as fontes, eles faziam parte dos textos motivadores que acompanham a proposta de redação), como locais (Haiti e Acre) e números específicos (como os anos e o número de pessoas que teriam migrado para o Brasil em dado recorte temporal).

No entanto, ao nos atermos à adição da receita, verificamos que o candidato sequer tentou “mascará-la”: ele inicia o parágrafo com as palavras “Para não ficar cansativo [...]”, o que, imediatamente, já se desconecta do restante de seu texto, assim como as palavras “miojo”, “panela”, “fervendo”, “cozinhar” e “fogão”.

Caso o trecho inteiro fosse eliminado, o número de linhas mínimo (sete) ainda seria alcançado, então não há por que imaginarmos que o candidato inseriu esse trecho para sua redação não ser imediatamente desconsiderada. Ainda assim, em uma redação com estrutura mais padronizada, sem esse parágrafo destacado, o texto se beneficiaria com um parágrafo de transição que melhor amarrasse o anterior à conclusão. No entanto, o trecho, além de soar como uma provocação, como alertado no manual do candidato, ou de jogar com a atenção do corretor, parece ressaltar a acriticidade do aluno: sua redação é marcada por lugares-comuns e reverberações de dados dos textos motivadores. A retirada de tal trecho elimina o reconhecimento de que o autor não tem nada a dizer sobre o tema, mas que sabe qual é a estrutura básica esperada em uma produção escrita desse exame.

Já no segundo exemplo de redação de 2012 (Figura 3), o candidato consegue criar um campo semântico com as palavras “luta” e “dureza”; isso até poderia fazer com que as inserções passassem despercebidas, pois os termos se conectam ao tema da imigração para o Brasil. Além disso, suas adições são entremeadas pelo uso de conectivos (como “entretanto” e “portanto”) que sugerem um trabalho real com a coesão, e, ao final da primeira inserção, o candidato continua seu texto com a sentença “Fazendo com que muitos imigrantes se tornem escravados [*sic*] do século XXI” — simulando, assim, uma retomada a algo anteriormente encaminhado. Essa redação serve como um bom exemplo de que as metarregras de coerência propostas por Charolles e complementadas por Koch e Travaglia (2008) não são por si só suficientes para garantir a coerência textual interna, como os próprios autores reconhecem.

Contudo, ao detectar palavras como “alviverde” e o próprio nome do time (grafado todo com letra minúscula, possivelmente para atrair menos atenção), o leitor atento facilmente nota que há algo destoante na produção do indivíduo. Ademais, não bastando um ponto de inserção, poucas linhas depois o candidato faz uma nova adição do mesmo hino, talvez brincando com a Competência 4 (coesão).

Como dito, até o ano de 2013, redações contendo trechos deliberadamente desconexos não eram penalizadas com a nota zero. No caso da redação apresentada na Figura 2, escrita para o ENEM 2012, a nota total do requerente foi 560, segundo Giba (2013), com um decréscimo de 80 pontos na Competência 2, que considera “a compreensão da proposta da redação e a aplicação de conhecimentos para o desenvolvimento do tema” (obtendo 120 de 200 pontos); e no terceiro ponto, “que avalia a coerência dos argumentos”, a perda de nota foi de 50% (obtendo, portanto,

100 pontos). Na matéria “Presidente do Inep explica por que redações com receita de miojo e hino de time não receberam nota zero no Enem”, do site *Guia do Estudante*, Ana Prado (2013) reporta que a redação apresentada na Figura 3, que inseriu os trechos do hino do Palmeiras em sua redação, obteve 500 pontos, mas no caso dessa redação não há uma explicação detalhada na matéria de como sua nota foi composta.

De acordo com o autor da redação da Figura 3 (que realizou, portanto, uma inserção de trecho desconexo ainda maior), sua intenção foi a de testar a banca de correção. No artigo “Enem 2012: hino do Palmeiras garante 500 pontos à redação”, de Lauro Neto e Leonardo Vieira (2013), o candidato, que acreditava merecer nota zero, declarou: “Mas o grande intuito mesmo era mostrar que os corretores não leem completamente a redação” (NETO; VIEIRA, 2013, n.p.) — o que, para o candidato ficou confirmado, mesmo que em 2012 não houvesse a regra de não aceitação de redações contendo trechos deliberadamente desconexos.

O ato de desafiar o leitor é indiscutivelmente dialógico, ao contrário do que podem ser as redações consideradas sem propósito pelos alunos. No artigo “Candidato escreve receita de miojo na redação do Enem e tira nota 560” (2013), afirma-se que o MEC detectou o desvio, mas “[...] disse entender que o aluno não fugiu do tema nem teve a intenção de anular a redação, pois não feriu os direitos humanos e não usou palavras ofensivas” (CANDIDATO..., 2013, n.p.). Desse modo, o MEC compreendeu que a fuga ao tema foi parcial e apenas naquele trecho, e não na redação como um todo. Todavia, conforme já enfatizado, mesmo sem a inserção, ele já teria atingido o número mínimo de linhas; logo, como o próprio candidato veio a afirmar posteriormente, faz-se pertinente a suposição de que algo mais subjazia essa adição.

Como já destacamos, após tais ocorrências terem sido repetidamente destacadas pela mídia, o MEC incluiu, no edital da prova de 2013 e nos posteriores, o item 14.9.5, que informa que redações que tenham trechos deliberadamente desconexos dos temas determinados são anuladas — medida adotada com a intenção de controlar esse tipo de comportamento. Se lembrarmos que, em 2017⁴, o número de produções com trechos desconexos rondava os 0,17% das redações, podemos considerar a possibilidade de que esta cláusula se deve mais a uma pressão midiática por deslegitimar o exame do que a uma tentativa de orientar o candidato.

No caso do candidato que apresentou o hino do Flamengo na sua redação (Figura 4), escrita no ENEM 2014, a inserção de trechos desconexos já era vista como uma violação às regras do exame. Ainda assim, segundo a matéria de Levany Júnior (2015), o candidato alcançou 660 pontos em sua produção. A classificação do trecho utilizado pelo candidato como “desconexo” é menos clara. Poderíamos, até certo ponto, considerar o trecho como um argumento de reforço do que ele busca defender; no texto ele sinaliza a retomada de algo que havia escutado quando criança, e que não havia mais conseguido esquecer — a fim de denotar a força e/ou permanência das campanhas publicitárias voltadas para crianças (em alusão direta ao tema da redação naquele ano). Todavia, a hipótese do tangenciamento do tema ou da não-intencionalidade em inserir um trecho desconexo “cai por terra” devido a, no mínimo, dois motivos: ainda que o hino promova o time, ele não se trata de publicidade (no sentido estrito da área), e menos ainda voltada especificamente para crianças; além disso, devido a características estruturais do gênero, podemos considerar que a parte em questão é bastante extensa para uma situação apenas ilustrativa — evidenciando, assim, que sua intenção era outra: trazer uma letra de hino motivada pelo texto como uma provocação aos leitores-avaliadores.

⁴ Não encontramos dados precisos sobre percentuais de redações marcadas contendo trechos desconexos nos anos anteriores.

Em geral, verificamos que não há problema na quebra de estabilidade do gênero, pois a mescla é natural e esperada; e, como colocado anteriormente, nos gêneros textuais, não é a forma que prevalece, mas, sim, a função, e essa não se altera com o trecho inserido — o qual, por sua vez, não é incoerente por si só. Ainda assim, as propostas do ENEM exigem um formato rígido, fechado e específico, e as tentativas de apresentar sua redação como um gênero menos estável tendem a ser penalizadas.

O formato rígido pode ser uma resposta à mídia e ao público que tenta deslegitimar o exame, mas o preço por trás disso é a limitação da criatividade do aluno. Para mais, exames como o ENEM também defendem o formato rígido para ter uma mensuração mais objetiva da qualidade das redações.

Como afirmamos previamente, existe uma pressão da mídia para que essas redações não sejam aceitas. Para além dos números já citados anteriormente, há mais um exemplo suficientemente ilustrativo disso: para a produção da matéria (originalmente veiculada no programa *Fantástico*) “Redações pontuam no ENEM mesmo ferindo critério técnico” (2014), um grupo de professores foi convidado a corrigir um conjunto de redações do exame nacional que já haviam passado pelos corretores oficiais da prova, a fim de verificar se haveria disparidade nas notas dadas. O que os docentes só vieram a saber ao final, no entanto, é que aqueles textos haviam sido produzidos por jornalistas, que propositalmente realizaram as inserções, para, mais uma vez, testar os corretores.

No contexto das redações avaliadas dentro das escolas, as intenções de um autor, com a inserção desse tipo de trecho, não são consideradas como nos demais campos, e o estabelecimento de aparentes incoerências internas ao texto, ainda que de forma consciente, proposital, e bem calculada, frequentemente acaba acarretando perda de pontos e de credibilidade do autor.

Nesses âmbitos, percebe-se que o corretor assume, muito mais do que o papel de interlocutor-leitor, o de interlocutor-avaliador, o qual nem sempre interage ou coopera (no sentido apontado por Grice, 1975) de fato com a produção que lê, por se ocupar, primordialmente, com incorreções e com busca por incoerências.

Nesse processo de leitura, o corretor acaba não necessariamente avaliando as múltiplas possibilidades que fazem uma redação ser rica, mas se tornando uma espécie de “caçador” de critérios e competências. Por ter esse papel, o leitor desconsidera, e, eventualmente, penaliza o autor por ocorrências que seriam aceitas e/ou cabíveis em produções ou gêneros diversos.

Para finalizar

Com o passar do tempo, o ENEM passou por um processo de transições e mudanças, e teve um crescimento social de importância e *status*: o exame passou a não apenas avaliar o desempenho dos alunos do Ensino Médio, mas também adquiriu um caráter progressivamente seletivo para a admissão em universidades pelo país, ao substituir ou se somar à nota dos vestibulares. Dessa forma, desde 2009, o ENEM é o principal instrumento para o acesso ao Ensino Superior no Brasil.

Nesse cenário, os trechos desconexos, que até 2012 representavam “apenas” uma possível perda de nota em certas competências do exame, passaram, já no ano seguinte (BRASIL, 2013),

a ser vistos como um fator que poderia de fato vir a zerar uma redação — e, por conseguinte, eliminar as chances competitivas de um candidato por uma vaga no Ensino Superior. De fato, a importância que o ENEM ganhou exigiu uma elaboração de critérios de avaliação mais objetivos e específicos, a fim de legitimar ainda mais o processo.

Por conta disso, compreendemos que o foco na avaliação das redações do ENEM está na estabilidade do gênero: quanto mais estável é a representação textual, mais alta tende a ser a nota do aluno. A forma, portanto, é um fim em si nesse caso. Assim, enquanto de um lado (da escola, das instituições que realizam exames de admissão, do Inep e do MEC, por exemplo) vê-se esse gênero de forma fixa e rígida, do outro (dos candidatos) temos um gênero que, vivo, se altera e se transforma a depender dos interesses do autor.

Se consideramos que todos os textos são coerentes, a compreensão da função dos trechos desconexos pode seguir diferentes caminhos; assim sendo, para além da frequente justificativa do deboche, a subversão realizada pelos candidatos do ENEM pode ser encarada de diversas formas significativas. A primeira delas é como uma forma de protesto, por exemplo, em relação à obrigatoriedade da tarefa ou mesmo aos temas propostos — vistos, nessas situações, possivelmente como camisas de força e não apenas orientações. No decorrer deste texto, vimos que essa estratégia não é restrita às redações, e que em outros contextos pode servir como argumento não convencional, como no caso da petição apresentada, para um possível pedido de revisão do processo.

Outro caminho é compreendermos a inserção como uma forma de rechaço ao distanciamento e à falta de clareza quanto ao papel do interlocutor-leitor, ou mesmo um reconhecimento do possível desinteresse do leitor. Isso ocorre com frequência em redações escolares, mas também vimos, no exemplo da postagem do *blog*, como isso serve como estratégia bem-humorada e irreverente para essa situação prevista. No caso do ENEM, até 2013, isso poderia servir ao candidato como um argumento para sua acreditada reprovação, ao poder dizer “os corretores não leram direito o que eu escrevi” — o que marca, novamente, uma aposta no desinteresse ou na falta de dialogismo.

As possibilidades de análise são, portanto, inúmeras. Além das que trabalhamos neste artigo, podemos considerar ainda que os candidatos podem acreditar que redações com mais linhas tendem a ser melhor pré-avaliadas, ou a receber uma leitura mais dinâmica (de modo que o desenvolvimento da redação receberia uma atenção menor, visto que a introdução e a conclusão devem preparar ou retomar os argumentos de algum modo). Deixamos essas hipóteses para futuros trabalhos.

Um estudo mais aprofundado, com mais redações, pode nos fornecer pistas não somente das possíveis motivações do uso dessas inserções, mas também do perfil desses candidatos⁵. Um ponto que parece ficar evidente, no entanto, é a pressão que a mídia faz sobre esse tema diante de sua baixa frequência no ENEM, buscando uma deslegitimação do exame. Todavia, esta só ocorre se não compreendermos que as inserções de trechos aparentemente desconexos, sempre que empregadas, são dotadas de intencionalidade e de sentidos que estão, sim, dizendo algo a mais no texto.

⁵ Afinal, dado o interesse da mídia neste ponto, podemos supor que alguns dos candidatos que produzem essas redações sejam pessoas interessadas em questionar algumas das diretrizes do exame.

Assim, devemos reconhecer que os trechos aparentemente desconexos não são ocorrências desprovidas de propósito. É a condição de produção do texto que acaba determinando o que o autor não pode ou não deve dizer — mas isso não tem necessariamente a ver com a incoerência textual ou com a quebra da estrutura do texto.

Referências

AZEVEDO, R. Hino do Palmeiras rende a estudante do Enem 500 pontos na redação; MEC diz que ele não fugiu tanto assim do tema e que respeitou os direitos humanos Quer mil pontos? Aprenda a fazer nhoque! **Veja**, 19 mar. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/hino-do-palmeiras-rende-a-estudante-do-enem-500-pontos-na-redacao-mec-diz-que-ele-nao-fugiu-tanto-assim-do-tema-e-que-respeitou-os-direitos-humanos-8230-quer-mil-pontos-aprenda-a-fazer-nhoque/>. Acesso: 14 abr. 2018.

BAKHTIN, M. A Interação Verbal. In: BAKHTIN, M. (org.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 114-132.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. (org.). **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-265.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Morre Alberto Dines aos 86 anos**. 2018. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2018/05/morre-alberto-dines-aos-86-anos>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. **A redação no ENEM 2013** – Guia do participante. Brasília: MEC, Inep, 2013. Disponível: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_participante_redacao_enem_2013.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

BRASIL. **Cartilha do Participante** – Redação no Enem 2019. Brasília: MEC, Inep, 2019. Disponível: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf. Acesso em: 25 out. 2020.

BRASIL. Resultados dos participantes de 2017. **Inep**, jan. 2018 Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2017/apresentacao_resultados_enem2017.pdf. Acesso em: 7 nov. 2018.

CANDIDATO escreve receita de miojo na redação do Enem e tira nota 560. **UOL**, São Paulo, 19 mar. 2013. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/19/candidato-escreve-receita-de-miojo-na-redacao-do-enem-2012-e-tira-nota-560.htm>. Acesso em: 7 nov. 2018.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COSTA VAL, M. da G. *et al.* A subjetividade na interação autor/texto/leitor. In: COSTA VAL, M. da G. *et al.* (org.). **Avaliação do texto escolar: Professor-leitor/Aluno-autor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/Ceale, 2009. p. 67-89.

FIORIN, J. L. de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2016.

GERALDI, J. W. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: GERALDI, J. W. (org.). **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 115-222.

GIBA, V. Estudante escreve receita de miojo na redação do ENEM e recebe nota 560. **Super Interessante**, 19 mar. 2013. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/contando-ninguem-acredita/estudante-escreve-receita-de-miojo-na-redacao-do-enem-e-recebe-nota-560/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (org.). **Syntax and Semantics - Speech Acts**. v. 3. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HANSEN, J. A. O desempenho em redação. **QUAESTIO**, Sorocaba, v. 10, n. 1/2, p. 13-33, maio/nov. 2008.

JÚNIOR, L. Alto do Rodrigues RN; Candidato do Enem mostra espelho da redação com o hino do Flamengo que lhe garantiu vaga na universidade. **Blog do Levany Júnior**, 14 maio 2015. Disponível em: <http://blogdolevanyjunior.com/alto-do-rodrigues-rn-candidato-do-enem-mostra-espelho-da-redacao-com-o-hino-do-flamengo-que-lhe-garantiu-vaga-na-universidade/>. Acesso em: 14 abr. 2018.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 2008.

LUIZ, G. ENEM 2017 tem queda no total de alunos com nota mil na redação. **G1 Educação**, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/enem-2017-tem-queda-no-total-de-alunos-com-nota-mil-na-redacao.ghtml>. Acesso em: 7 nov. 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NETO, L.; VIEIRA, L. Enem 2012: hino do Palmeiras garante 500 pontos à redação. **O Globo Sociedade**, 19 mar. 2013. Disponível em: Acesso em: 10 abr. 2018.

PASQUALOTTO, T. Escala de ódio Big Brother 18. **Morri de Sunga Branca**, 19 jan. 2018. Disponível em: <http://www.aimorridesungabranca.com/2018/01/escala-de-odio-big-brother-brasil-18.html>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PAVANI, C. F.; KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B. Redação de vestibular: gênero heterogêneo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [s. l.], v. 4, n. 6, p. 1-13, mar. 2006.

PIRES, J. Advogado escreve receita de pamonha na petição para provar que juiz não lê os autos. **Jusbrasil**, 2014. Disponível em: <https://jean2santos.jusbrasil.com.br/noticias/121548425/advogado-escreve-receita-de-pamonha-na-peticao-para-provar-que-juiz-nao-le-os-autos>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PRADO, A. Presidente do Inep explica por que redações com receita de miojo e hino de time não receberam nota zero no Enem. **Guia do Estudante**, 21 mar. 2013. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/presidente-do-inep-explica-por-que-redacoes-com-receita-de-miojo-e-hino-de-time-nao-receberam-nota-zero-no-enem/>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PRADO, D. de F.; MORATO, R. A. A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, Belo Horizonte, n. 29, p. 205-219, mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3231.n29p205-219>

REDAÇÕES pontuam no ENEM mesmo ferindo critério técnico. **G1 Fantástico**, 4 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/05/redacoes-pontuam-no-enem-mesmo-ferindo-criterio-tecnico.html>. Acesso em: 6 maio 2019.

RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola**: uma proposta textual-interativa. São Paulo: Contexto, 2013.

XAVIER, V. **O mez da gripe**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1981.